

O HISTÓRICO DA ESCOLA DE FRANKFURT

Introdução

9-10) Escola de Frankfurt se refere "a um grupo de intelectuais e a uma teoria social", sem a "unidade geográfica" sugerida pelo nome e abrangendo a produção de "um grupo de intelectuais marxistas, não ortodoxos, que na década dos anos 20 permaneceram à margem de um marxismo-leninismo 'clássico', seja em sua versão teórico-ideológica, seja em sua linha militante e partidária".

A criação do Institut fuer Sozialforschung (1922-1932)

10-1) Em 1922, na Turíngia, depois de uma semana de estudos marxistas, organizada por Felix Weil, um grupo integrado por Korsch, Lukács, Pollock, Wittfogel, decidiu "institucionalizar um grupo de trabalho para a documentação e teorização dos movimentos operários na Europa". Em 3 de fevereiro de 1923, foi criado o *Institut fuer Sozialforschung* (Instituto de Pesquisa Social), integrado por diversos "socialistas de cátedra", "raros numa época em que a maior parte dos marxistas rejeitava o trabalho acadêmico, envolvendo-se em militâncias partidárias". O instituto era financiado pelo pai de Felix Feil, um alemão, exportador de trigo da Argentina.

[O grupo originário da idéia de criação do Instituto já dá uma idéia do pano de fundo de "sentido contracorrente" que a Escola de Frankfurt assume, já no seu início e com sua orientação inicial bastante doutrinária.]

[Aspecto interessante é o do financiamento do Instituto: ressalta-se a "acidentalidade" e a "artificialidade" do processo. A constituição de meios, por fora da institucionalidade acadêmica e estatal provavelmente contribuiu para a liberdade criativa dos seus pesquisadores. Talvez, sem aquela forma de financiamento, não tivesse surgido a Escola.]

11) Max Horkheimer assumiu a direção do Instituto em 1930 e mudou a orientação documentária e descritiva, dentro da tradição marxista, para "uma análise crítica dos problemas do socialismo moderno que privilegiava claramente a superestrutura".

13) Sentindo a pressão do Nazismo, Horkheimer criou filiais do Instituto em Genebra, Paris e Londres e, em 1933, "o governo nazista decreta o fechamento do Instituto em Frankfurt por suas 'atividades hostis ao Estado' confiscando seu prédio" e os 60 mil livros da sua biblioteca.

13-5) Horkheimer e Fromm realizam estudo empírico "sobre a estrutura de personalidade da classe operária européia", buscando integrar o marxismo e o freudismo. Esse tipo de trabalho revelava algumas características da orientação dada por Horkheimer:

- * se propunha a elaborar "o esboço de uma teoria materialista, social-psicológica dos processos históricos societários"
- * buscava assimilar "as contribuições empíricas e históricas da sociologia e da moderna historiografia"
- * isso deveria ser feito com um sentido crítico e buscando "reorientar a reflexão filosófica da época, partindo de um patamar abstrato para um nível mais concreto que não se confundisse, no entanto; com o puro ativismo da luta partidária", e com:
 - uma teorização freudo-marxista flexível
 - uma metodologia dialética de inspiração hegeliana e marxista
- * assim, com Horkheimer, "o interesse documentário de como a classe

operária enfrentava as crises do capitalismo do início do século XX transformou-se no interesse teórico do *porquê* de a classe operária não ter assumido seu destino histórico de revolucionar a ordem estabelecida".

□ A predominância do marxismo militante, de então, não podia favorecer esse tipo de abertura heterodoxa. Tratava-se de realizar a verdade já revelada. É interesse examinar até que ponto um indivíduo isolado e não uma instituição poderia resistir às pressões, tanto da direita (nazismo, fascismo) quanto da ortodoxia. Inclue-se aqui a experiência "em marcha" da Rússia, que devia ser defendida a todo custo. Em síntese, temos um quadro esclarecedor para a esterilidade do marxismo e que pode explicar porque mesmo a "contracorrente" fazia tantas concessões. □ *des ushury de skulper* (D)

O período da emigração para os Estados Unidos (1933-1950)

15-6) Em 1933, o Instituto passa para Genebra, reunindo entre outros, Saussure, Fromm e Neumann. Em 1934 vai para Nova Iorque, ligado à Universidade de Columbia e com o mesmo financiamento do alemão exportador de grãos da Argentina.

16) Entre as bolsas distribuídas pelo Instituto está a de Benjamin (que viveu em Paris entre 33-38 e que se suicidou em 1943) e de Bloch, que consegue fugir para os EUA.

16-7) Adorno e Horkheimer se transferem para a Califórnia em 1940, tendo contato com Thomas Mann, Bertold Brecht. Os outros *temeram outros nomes:*

- * Fromm se incompatibilizou com o grupo em Nova Iorque
- * Marcuse passou a trabalhar no *Office of Strategic Service*, que depois resultou na CIA
- * Pollock virou conselheiro do Ministério da Justiça

17) Em 1946, Horkheimer recebe convite da municipalidade de Frankfurt para voltar. Viaja em 1948 e, surpreendido por uma calorosa acolhida, transfere o instituto em 1950.

17-8) Os trabalhos da época estão sob o impacto da cultura e da experiência norte-americana e procuram "salvar a reflexão filosófica dialética face a uma crescente tendência positivista e empirista nas ciências sociais".

18-20) Destaca-se *A Personalidade Autoritária* que procura demonstrar "a interação entre a dinâmica psíquica do indivíduo e as condições sociais e políticas da sociedade em que vivem esses indivíduos", atualizando a pesquisa de Horkheimer e Fromm. O trabalho demonstrou a distinção entre as "camadas superficiais da personalidade" (que ~~se~~ referem resposta a temas políticos e econômicos) e um "nível mais profundo", e a "dinâmica profunda da vida pulsional" que podem apresentar contradições. Um tipo liberal, por exemplo, poder ser "vulnerável" ao racismo, em momentos históricos, "como válvula de escape para pulsões mal interiorizadas".

19) Em Adorno, "como no caso de Reich e Fromm, a personalidade [uma organização de forças mais ou menos durável no indivíduo] é vista como uma instância entre a base econômica e a ideologia das sociedades capitalistas modernas".

20) No final da década de 40, Adorno e Horkheimer começam a perder a "confiança na razão crítica", "a promessa humanística contida na concepção kantiana da razão libertadora", que "acabaria por realizar-se concomitantemente com a liberdade, a autonomia e o fim do reino da necessidade". *A Dialética do Esclarecimento* rompe com essa convicção ao

constatar a "onipotência do sistema capitalista, reificado no mito da modernidade", tematiza "a morte da razão kantiana, asfixiada pelas relações de produção capitalista". Com isso, ¹* "abandonam definitivamente os paradigmas do materialismo histórico ² e se afastam, igualmente, "do positivismo e do neopositivismo que dominam as ciências naturais e humanas de sua época". Horkheimer acaba com a teologia e Adorno radicalizando a sua "dialética negativa", no refúgio da teoria estética.

A reconstrução do Institut fuer Sozialforschung em Frankfurt (1950-1970)

21-6) Destino dos personagens:

* Horkheimer e Adorno, em 1950, voltam para Frankfurt, junto à Universidade Goeth. Horkheimer se aposenta em 1967 e Adorno assume, vindo a morrer em 1969.

* Marcuse deixa o USF e assume cátedra em Universidade Brandeis na Califórnia, morrendo em 1980.

* Loewenthal torna-se diretor da "Voz das Américas".

* Wittfogel e Neumanh aceitam cátedras nas universidades de Washington e Nova Iorque.

* Fromm se afastou do grupo ainda em Nova Iorque e ficou nos EUA até se aposentar.

* Bloch voltou para a Alemanha, aceitando cátedra em Tuebingen, onde lecionou até morrer.

23) Habermas se aproxima na década de 60 e realiza, junto com Friedeburg, estudo demonstrando "uma síndrome autoritária" na juventude alemã pós-guerra.

24) O protesto estudantil de 66-67, em boa medida, especialmente na Europa, foi deduzido da teoria crítica, transformada "em prática revolucionária" e defendia transformações radicais que deveriam iniciar com "a democratização da própria universidade" e prosseguir com a "destruição da família e do Estado autoritário". Os frankfurtiano "se assustaram com a radicalidade" e a "imaturidade" do movimento e a "liderança carismática" e não racional que "paralisava a crítica dos seus adeptos", revelando traços nitidamente "fascistas". Eles viam os mesmos traços do nazismo: "invasão violenta de prédios, saque de livros, irreverência com intelectuais". Habermas cunhou a expressão "fascismo de esquerda" e, sem conseguir resposta positiva, retirou-se, de 71 a 83, para o Instituto Max Planck. Os teóricos e os estudantes tomaram rumos distintos, ~~alguns optaram pelo~~ debate teórico com a Escola de Frankfurt.

da 1ª guerra m

O renascimento e a superação da teoria crítica

27) Duas tendências se destacam hoje. A de preservação do pensamento e reedição dos pioneiros, e outra de "prosseguir de modo original e criador o pensamento dos mestres". O destaque, sem dúvida, é para Habermas.

30) Síntese da retrospectiva em três momentos:

* *primeiro*: de 1923, da II Guerra até a volta a Frankfurt, com a predominância de Horkheimer

* *segundo*: a partir da reconstrução do Instituto, até 1969, com a

liderança de Adorno

* *terceiro*: início na década de 70. sob a liderança de Habermas.

30) Freitag conclue perguntando se a vertente desenvolvida por Habermas ainda é "teoria crítica"?

[O próprio Habermas responde que, no início, "não existia uma teoria crítica, uma doutrina de alguma forma coerente" e que só na década de 60 esboçou-se o "fato de que a teoria da sociedade viria um dia a ter um caráter sistemático". As posições de Habermas, sem dúvida, revelam as fontes da teoria crítica:

* defesa da razão

* exercício da "dialética negativa" (*Wissenschaft*)?

* crítica da razão instrumental

Habermas é, de fato, herdeiro e continuador da Teoria Crítica. □

③

O CONTEÚDO PROGRAMÁTICO DA TEORIA CRÍTICA

Introdução

32-3) Sem "uma falsa homogeneização" e em que pese as "sensíveis diferenças entre si" dos autores "tanto em suas posturas epistemológicas quanto em suas estratégias políticas", podemos identificar três grandes temas tratados em "praticamente todos os trabalhos dos autores":

- * "dialética da razão iluminista e crítica à ciência"
- * "dupla face da cultura e a discussão da indústria cultural"
- * "a questão do Estado e suas formas de legitimação na moderna sociedade de consumo"

A dialética da razão e a crítica à ciência

34) O fio condutor que perpassa a obra de todos os autores é "o tema do Iluminismo ou Esclarecimento".

34) Para Kant, a razão consiste num "instrumento de liberação do homem para que alcançasse através dela sua autonomia e maioridade", com o destino possível de ser assumido pelos homens por não ser "ditado por forças externas (deuses, mitos, leis da natureza) nem por um karma interior". Com a razão os homens podem tomar "em mãos sua própria história".

34-5) "Essa convicção partilhada por todos os iluministas revelava-se ilusória" e Horkheimer ressaltava: "o programa do iluminismo consistia no desencantamento do mundo", "dissolver os mitos e fortalecer as impressões através do saber".

35) Prossegue Horkheimer: a razão iluminista "foi ab¹⁰rtada" porque "a razão que hoje se manifesta na ciência e na técnica é uma razão instrumental, repressiva" que leva ao "controle totalitário da natureza e a dominação incondicional dos homens".

35) Com Adorno, Horkheimer procurou demonstrar que "a razão, sujeito abstrato da história individual e coletiva do homem em Kant e Hegel, converte-se (...) em razão alienada", "a razão abrangente e humanística, posta a serviço da liberdade e emancipação dos homens, se atrofiou, resultando na razão instrumental" da ciência e da técnica. (4)

[pg. qual abstrato?]

36) As reflexões sobre a razão estão divididas em três momentos:

- * teoria tradicional x crítica, pensamento cartesiano x marxista (Horkheimer, 1937)
- * positivismo x dialética (Popper x Adorno, 1961)
- * razão sistêmica x comunicativa (Luhmann x Habermas, 1972)

36) A teoria crítica culmina com uma mudança de paradigma: da filosofia da consciência (Horkheimer e Adorno) para a teoria da intersubjetividade comunicativa (Habermas).

[o 1º flt. e ensaio]

Primeiro momento

36-7) Em 1937, Horkheimer abre ^e debate que "que lançará o moderno pensamento sociológico em um profundo dilema", tematizando, pela primeira vez dessa forma, o conflito entre a dialética e o positivismo, postu-

em relação à ciência,

[*ty*] lando uma questão ontológica:
[*ty*] *uma questão de método, mesmo que seja a questão da metodologia.*

* "a ciência e a filosofia moderna não podem contentar-se hoje com uma discussão sobre juízos de fato e de valor" ("juízos categóricos sobre fatos e juízos de valor, isto é, de uma questão meramente metodológica")

* "elas tem que recorrer aos juízos existenciais", "nortear a reflexão com base em juízos existenciais comprometidos com a liberdade e a autonomia do homem"

38) "Confrontando a estrutura lógica, o objetivo e a finalidade" do pensamento de Descartes e o de Marx, Horkheimer não "se propõe a rejeitar o primeiro", mas a demonstrar que o de Marx engloba o de Descartes.

38-9) Horkheimer recusa a redução ao formalismo da lógica cartesiana e dos sistemas teóricos montados "a priori, ~~ET~~ (com auxílio da dedução) ou a posteriori (através da indução)". Ele ressalta a captação, pela teoria crítica, da "dimensão histórica" e à progressiva integração de dados novos ao conhecimento já existente.

40-1) A proximidade com o marxismo vai sendo superada com a identificação, por Horkheimer, de três erros do marxismo:

* *Tese da proletarianização progressiva da classe operária*: não se confirmou, pois o "excedente de riquezas" produzido pelo capitalismo "destivou o conflito de classes" e radicalizou a "ideologização das consciências" assegurando a cooptação pelo sistema.

* *Tese das crises cíclicas do capitalismo*: alternando produção excessiva/falta de consumo e consumo excessivo/falta de produção, foi contida pela "intervenções crescentes das atividades estatais sobre a organização da economia".

* *Descompasso entre a justiça e a liberdade*: a distribuição de riquezas desenvolveu-se a um custo de redução sistemática da liberdade, com "a regulamentação generalizada da vida, a redução da liberdade, a deturpação das consciências e a atrofia da capacidade crítica" que surge como "correlatos inevitáveis de uma justiça social e material ampliada".

41) Para Horkheimer, tanto no nazismo como nos países do leste, "privilegiaram a razão instrumental em detrimento da razão emancipatória".

42-3) Horkheimer fecha o seguinte balanço comparativo da teoria tradicional x teoria crítica, explicitando "posicionamentos incompatíveis, ancorados em fundamentos epistemológicos diferentes"(p.52):

TEORIA TRADICIONAL

NECESSIDADE DO TRABALHO TEÓRICO

"respeito às regras gerais da lógica formal, ao princípio da identidade e da não-contradição, ao procedimento dedutivo ou indutivo, à restrição do trabalho teórico a um campo claramente delimitado"

OBJETO

"representa um dado externo ao sujeito", "o teórico 'tradicional' concebendo-se fora da dinâmica histórica e social, tem uma percepção distorcida de sua atividades científica e de sua função"

CONCEITO DE TOTALIDADE

"procuram meramente sintetizar de forma não contraditória suas afirmações sobre o real, situando-as em um contínuo lógico, sem reconhecer os conceitos estruturais mais elevados como condições dos fatos a eles subsumidos", "critica o conceito de totalidade [da teoria crítica] como retrocesso mitológico, pré-científico, ele próprio mitologiza a ciência em sua luta permanente contra o mito". (p.51)

CONCEITO DE PRÁTICA

"é totalmente excluída do raciocínio positivista". No positivismo de Popper, "se reduz à prática do cientista limitada explicitamente à sua área de especialização". (p.51),

CONCEITO DE CRÍTICA

"significa para Popper a falsificação de uma hipótese dada, através de dados empíricos que demonstram o contrário ou devido à descoberta de erros lógicos no processo dedutivo" (p.51)

POSICAO POLITICA

"se resigna ao imobilismo e ao quietismo, justificando-o com a ideologia da neutralidade valorativa"

TEORIA CRÍTICA

NECESSIDADE DO TRABALHO TEÓRICO

"continua presa a um juízo existencial: libertar a humanidade do jugo da repressão, da ignorância e inconsciência", com um juízo que, assim, "preserva, em sua essência, o ideal iluminista: usar a razão como instrumento de libertação para realizar a autonomia, a auto-determinação do homem"

OBJETO

"sugere uma relação orgânica entre sujeito e objeto: o sujeito do conhecimento é um sujeito histórico que se encontra inserido em um processo igualmente histórico que o condiciona e molda", "o teórico 'crítico' sabe dessa sua condição"

CONCEITO DE TOTALIDADE

"procura ser 'objetivo' no sentido de intencionar a compreensão de cada fenômeno social singular" (p.51)

CONCEITO DE PRÁTICA

"Na dialética adorniana, o conceito de teoria, ao remeter a um futuro melhor, remete automaticamente à dimensão da prática" (p.51)

CONCEITO DE CRÍTICA

"significa (...) a aceitação da contradição e o trabalho permanente da negatividade, presente em qualquer processo do conhecimento". (p.51)

POSICAO POLITICA

"o teórico não-tradicional assume sua condição de analista e crítico da situação, procurando colaborar na intervenção e no redirecionamento do processo histórico em favor da emancipação dos homens em uma ordem social justa e igualitária"

42-3) Em 1937, Horkheimer, simultaneamente a Gramsci (morto em 37) "lança as bases de uma teoria do intelectual orgânico", que poderia assumir sentido conservador ou progressista, atribuindo assim papel estratégico aos intelectuais.

Segundo momento

43) Tem sua origem no confronto Popper x Adorno (1961), 27 teses x contestação.

44-6) Posições diferenciadas de Popper em relação aos demais positivistas:

* "Não parte da identidade das ciências sociais e naturais, admitindo uma diferença entre o objeto". (p.44)

* "Privilegia (...) o procedimento dedutivo" e "distancia-se, assim, dos empiristas clássicos e modernos", "não atribuindo valor especial ao dado empírico". (p.45)

* Diverge dos "neopositivistas americanos", incluindo em sua reflexão "a categoria weberiana de compreensão, admitindo que os homens orientam suas ações de acordo com certos valores, convicções e desejos", introduzindo, "além da lógica formal, a situacional". (p.46)

44-6) Caracterização do positivismo de Popper, por Adorno:

* "Sua postura 'positivista' se manifesta na defesa do método, ou seja, naquilo que Horkheimer chamaria de 'estrutura lógica da teoria tradicional'" (p.44), que garante a "cientificidade" e a "objetividade" quando "são respeitados os princípios básicos da lógica formal cartesiana:"

- procedimento indutivo ou dedutivo,
- o princípio da identidade,
- a intersubjetividade
- e a coerência interna da teoria, etc.

Popper está interessado em uma 'teoria' que nada mais é que um sistema de sentenças e hipóteses gerais, nas quais se inserem e integram os casos singulares". (p.44-5).

* A crítica resume-se a examinar os "erros no processo dedutivo, na montagem das hipóteses ou nos dados empíricos". (p.45)

* "O sujeito do conhecimento não se envolve com seu objeto, respeita o princípio da neutralidade das ciências, constatando 'o que é' e silenciando, enquanto cientista, face ao que poderia ou deveria ser. Os juízos de valor não fazem parte do arcabouço científico do pesquisador. (p.45)

* Atribue (assim como Weber) "ao método (isto é, às regras da lógica formal e situacional) o papel predominante no processo do conhecimento. Respeitado esse método, o investigador está fazendo ciência de forma 'neutra' e 'objetiva' e consegue trazer à tona a verdade. Adorno contesta o privilégio do método de dar acesso à verdade e à objetividade".

47-8) Contestação de algumas das teses de Popper por Adorno:

* "(...) a preocupação fundamental da dialética e da teoria crítica não é meramente formal (como para Popper) mas sim, material, existencial (como para Horkheimer)". (p.47)

* "a sociologia concebida como dialética e crítica não pode deixar de guiar-se pela perspectiva do todo, ainda quando estuda um objeto particular" (p.47)

* A crítica (na teoria crítica) "não se reduz a uma autocrítica interna da disciplina, ela estende a sua crítica ao próprio objeto de análise: à sociedade contemporânea e também às hipóteses, conceitos e teorias desenvolvidas para representá-la, analisá-la", suscita "uma atitude de desconfiança face ao conhecimento como tal". (p.47)

* "A crítica, compreendida como o princípio da negatividade, vem a ser o elemento constituinte do método e da teoria crítica que se fundem com o objetivo político e social a ser alcançado". (p.47-8)

48) Fundamentação da *Dialética Negativa*:

* "esforço permanente para evitar as falsas sínteses, de desconfiar de toda e qualquer proposta definitiva para a solução de problemas, de rejeição de toda visão sistêmica, totalizante da sociedade".

* "não possui nenhum cânone específico, não trabalha segundo regras definidas"

* "não produz um saber que permita a prognose segura e inequívoca da realidade"

* "procura salvar ou reconstituir aquilo que não obedece à totalidade, ao sistêmico, aos fatos verificados", inclui "aquelas dimensões da realidade social e individual que ainda estão em fase de desdobramento, de revelação".

* "nunca se contenta com o presente ou o *status quo*, mas representa o esforço permanente de superar a realidade cotidiana rotinizada.

* "é movimento permanente da razão na tentativa de resgatar do passado as dimensões reprimidas, não concretizadas no presente, transferindo-as para um futuro pacificado em que as limitações do presente se anulam".

* "A dialética negativa se confunde assim com a razão iluminista na conceituação de Kant e Hegel, ou seja, em sua versão emancipatória.

48-9) A sociedade burguesa privilegiou a razão instrumental para dominar a natureza externa e acabou reprimindo e atrofiando a razão emancipatória, subjugou a natureza interna (metáfora da viagem de Homero a Ítaca).

49) A razão iluminista tem uma "dupla face de razão emancipatória e razão instrumental", desta, realizou-se apenas a instrumental.

50) "Em Adorno a razão instrumental é identificada com o positivismo defendido por Popper".

50) Outras restrições ao positivismo:

* é metafísico, "não se permite questionar as bases nas quais apresenta sua 'lógica'".

* "deixa de refletir a origem histórica do seu pensamento"

* "aceita implicitamente a divisão de trabalho imposta pelas relações de produção capitalista, refugiando-se em suas subáreas do saber", não percebendo as injunções políticas e econômicas que se impõem sobre essas subáreas.

[Este aspecto da tematização não está suficientemente resolvido na Dialética do Concreto, de Kosik, merecendo uma revisão.]

* "a ciência positivista naturaliza os processos sociais, atribuindo à dinâmica histórica um funcionamento sistêmico, regido por leis absolutas e imutáveis".

O terceiro momento

52) A evolução da *teoria da ação comunicativa* de Habermas está muito ligada à polêmica com Luhmann, autor de "versão sofisticada da teoria sistêmica", que "se aproxima do moderno pensamento positivista".

52-3) Habermas, no final da década de 60, já tomara "partido em favor de Adorno" na disputa com o positivismo de Popper, questionando "a validade da proposta positivista de postular a objetividade e verdade do conhecimento apenas em função do método, ou melhor, do procedimento lógico formal" que esconde "um conceito pobre e limitado da razão: a capacidade de manipular corretamente regras formas".

53) Na polêmica com Luhmann, "cessa a identificação plena com as posições de Horkheimer e Adorno" e Habermas deixa "opor o marxismo ao racionalismo ou a dialética ao positivismo" e trava-se um debate original: "elaborar uma 'nova' teoria da sociedade como alternativa à teoria sistêmica".

54-7) Descrição minuciosa da abordagem de Luhmann.

58) Habermas aponta quatro "temas vulneráveis da teorização de Luhmann":

- a) "indistinação entre representação e realidade",
- b) "substituição do conceito de informação pelo de significado",
- c) "distinção entre sociedade e sistema social",
- d) "definição prioritária da função sistêmica como 'redução de complexidade'".

58) Luhmann não consegue superar os "pontos de estrangulamento da teoria sistêmica":

- a) "seu *conservadorismo implícito* e a dificuldade de conceptualizar os processos históricos";
- b) "seu *conformismo explícito*, ao postular, como comportamento social mais adequado, aquele institucionalizado pelo sistema";
- c) "seu *positivismo distancado*, ao atribuir ao atribuir ao que é valor superior ao que deixou de ser, e poderia vir a ser".

58) Habermas vê em Luhmann uma "reformulação modernizada da 'teoria tradicional', criticada por Horkheimer, ou do positivismo popperiano, contestado por Adorno", com suas "três vertentes":

- a) "concepção instrumental da razão",
- b) "naturalização dos fenômenos,
- c) "expulsão do conflito e da contradição do modelo teórico, o que equivale a negar sua existência na realidade".

59) A teoria da ação comunicativa elabora "um novo conceito de razão" que enfrenta:

- a) "visão instrumental que a modernidade lhe conferiu" [à razão].
- b) "visão kantiana assimilada por Horkheimer e Adorno, isto é, de uma razão subjetiva, autônoma, capaz de conhecer o mundo e de dirigir o destino dos homens e da humanidade".

[*comum às duas primeiras questões*]

6

59) A racionalidade, para Habermas, não é "uma faculdade abstrata, inerente ao indivíduo isolado, mas um *procedimento argumentativo* pelo qual dois ou mais sujeitos se põem de acordo sobre questões relacionadas com a verdade, a justiça e a autenticidade".

59) "A razão comunicativa se constitui socialmente" no "processo de interação dialógica dos atores envolvidos numa mesma situação": no "diálogo cotidiano" (nas "interações espontâneas") mas "adquire maior rigor" através do "discurso".

59-60) Características da ação comunicativa:

- a) "cada interlocutor suscita uma pretensão de validade quando se refere a fatos, normas e vivências";
- b) "existe uma expectativa de que seu interlocutor possa, se assim o quiser, contestar essa pretensão de validade de uma maneira fundada (*begründet*), isto é, com argumentos";
- c) "todas as verdades anteriormente consideradas válidas e inabaláveis podem ser questionadas";
- d) "todas as normas e valores vigentes têm de ser justificados";
- e) "todas as relações sociais são consideradas resultado de uma negociação na qual se busca o consenso e se respeita a reciprocidade, fundados no melhor argumento";
- f) "o questionamento e a crítica são elementos constitutivos, mas não sob a forma monológica, como ainda ocorria na *Dialética do Esclarecimento* ou na *Dialética Negativa*, e sim de forma dialógica, em que a verdade resulta de um diálogo entre pares, seguindo a lógica do melhor argumento".

60) A "teoria do consenso da verdade se baseia, para Habermas, na capacidade de distinguir":

- a) "entre essência e aparência (afirmações verdadeiras)";
- b) "entre ser e ilusão (afirmações verazes)";
- c) "entre ser e dever (afirmações corretas)".

60) Em relação a Adorno e Horkheimer, tem em comum:

- "a dimensão crítica da realidade",
- "rejeição de falsos determinismos".

se distingue:

- "não adere ao pessimismo implacável de Adorno".

Em relação à razão kantiana,

- "não é subjetiva, não é transcendental, não é inata", mas "espelha a transparência das relações sociais e a intersubjetividade possível a cada um dos atores nelas envolvidos".

60-1) A "razão comunicativa" "é mais abrangente e menos autoritária que as demais formas de manifestação de razão" porque "se encontra no ponto de intersecção de três mundos":

- a) "mundo objetivo das coisas",
- b) "mundo social das normas",
- c) "mundo subjetivo dos afetos".

61) Ação comunicativa para "integrar duas óticas: a sistêmica e a do mundo vivido (denominação husserliana de *Lebenswelt*)".

[*verbal em Menge, mas, v. 2*]

61) A "ótica sistêmica" é a do "observador externo", corresponde à "esfera sistêmica", "aspecto da realidade social em que atua a razão instrumental e técnica" e "decorre da organização das forças produtivas e visa gerar o máximo de produtividade para assegurar a sobrevivência material dos homens que vivem em sociedade".

61) A "esfera sistêmica" está "dividida em dois subsistemas":

- a) "econômico, regido pelo dinheiro",
- b) "político, regido pelo meio poder".

[*Habermas menciona diálogo político de Hegel, movimento no sentido de Habermas e Adorno, Adorno...*]
61) "A visão sistêmica exclui o diálogo", trata-se de uma "sociedade cuja forma de codificação das relações sociais encontrou no dinheiro uma linguagem universal" e o "sistema funciona na base de imperativos automáticos que jamais foram objeto de discussão dos interessados", portanto através de uma "regulamentação automática" (segundo Habermas "integração sistêmica").

61) "Os complexos de ação integrados sistemicamente impõem sua lógica (a razão instrumental) às outras esferas da sociedade, passando, desta forma, a 'colonizá-las'".

61-2) A ótica do mundo vivido proporciona uma "visão de dentro da sociedade" e "permite compreendê-la" com a partilha das vivências e experiências de seus autores, sendo que "a objetividade das relações sociais é dada quando há 'integração social', ou seja, quando um número dado de atores teve vivências e experiências comuns que constituem sua memória e sua história coletiva".

62) A modernidade cria um "hiato", uma "disjunção", um "choque" entre o mundo vivido e o sistema: "a integração sistêmica não coincide com a integração social".

62) O sistema "anexa" o mundo vivido através da "razão instrumental", "desativando as esferas regidas pela razão comunicativa e impondo-lhes a razão instrumental, tecnocrática".

62) Nesse sentido, são duas "usurpações" "responsáveis pelas patologias do mundo vivido":

- a) "burocratização", decorrente da "interferência do sistema estatal";
- b) "monetarização", decorrente da interferência do "subsistema econômico".

62) Correlação com esse processo:

- Weber - "perda de liberdade do homem"
- Lukács - "alienação"
- Marcuse - "unidimensionalização"

→ (Adorno - excedência dos meios)

62) A razão instrumental, porém, "é imprescindível e pode fornecer uma contribuição inestimável para assegurar a orientação e sobrevivência das modernas sociedades de massa".

62) O problema é "reorientar a razão instrumental, reconduzindo-a aos limites dentro dos quais é imprescindível". Isso "cabe à razão comunicativa, preservada em certos 'nichos' da sociedade moderna e institucionalizada em algumas de suas 'esferas de valor' (Weber)" ("esfera da pintura, da música, do direito, da ciência e da moral").

[*"esta é a ideia de Weber?"*]
63) A sua "teoria evolutiva da modernidade" prevê um "trabalho herme-

nêutico de recuperar através da revisão dos clássicos da sociologia os momentos de racionalidade comunicativa soterrados, esquecidos ou não explorados".

64) Habermas ressalta dois momentos com "ganhos objetivos":

a) "competência técnica e instrumental", que permite satisfação das necessidades humanas;

b) "crescente 'racionalização' das esferas de valor", substituindo as "concepções religiosas do mundo por sistemas de normas e valores consensualmente elaborados".

[Sever, 'Esfera de Valor']

64-5) Convergências:

Marx - valorização da racionalidade e da eficácia dos sistemas de produção material de bens;

- irracionalidade e injustiça na distribuição dos bens;

Weber - "racionalização" das esferas de valor.

Divergências:

Marx - alteração revolucionária das condições sociais como única saída;

Weber - "racionalização" das concepções religiosas conduz ao "desencantamento" e à alienação;

Adorno, Horkheimer - não adere à leitura do Iluminismo feita pelos dois, em que "o feitiço se volta contra o feiticeiro".

65) Habermas acredita na "capacidade de aprendizado dos sistemas sócio-culturais modernos" e nos seus "mecanismos de autocontrole e auto-orientação".

[Influência de Adorno e Horkheimer, com ênfase na crítica à indústria cultural]

A dupla face da cultura
e a discussão da indústria cultural

66) Adorno e Horkheimer cunharam o conceito "indústria cultural", usado pela primeira vez em 1941 por Horkheimer.

67-8) Após Adorno assumir (1967) a direção do Instituto de Pesquisa Social (Frankfurt), abandonam-se "as análises mais concretas das relações de produção e de repressão das classes inerente à moderna sociedade de massa" e restringe-se "o campo semântico e a abrangência da teoria crítica de outrora", para "enclausurar-se cada vez mais no campo da música".

Cultura e indústria cultural

68) Marcuse, Adorno e Horkheimer distinguem, seguindo a velha tradição alemã, entre *cultura* ("mundo das idéias e dos sentimentos") e *civilização* ("mundo da reprodução material").

68) Marcuse prossegue distinguindo o *mundo do trabalho* (que "seguia a lógica da necessidade, impondo sofrimento e abstenção aos homens que nele se moviam" e o *mundo cultural* (que "permitira postular a liberdade, a felicidade, a realização espiritual, se não realizadas no presente, pelo menos prometidas para o futuro").

68-9) No contexto da emergência do capitalismo, a cultura assume uma função alienante, com a "ênfase dada à dimensão subjetiva" usada como forma de seduzir com "expectativas de felicidade no mundo espiritual, sem reivindicá-las ou estendê-las também às suas condições materiais de vida".

→ [Assim, em Marcuse, Adorno e Horkheimer, com ênfase na crítica à indústria cultural]

69) Fechada "ao consumo da classe trabalhadora" a obra de arte e a cultura representavam, também, "um protesto contra a injustiça".

70) Segundo Marcuse, essa separação entre "produção material" (civilização) e "produção de bens espirituais" (cultura) era inadequada para "dissimular as estruturas do novo processo de produção" e "contribuir para a manutenção do sistema de reprodução material". Foram então mudados os "padrões de organização da produção cultural que foi sendo gradativamente cooptada pela esfera da civilização".

70) Marcuse acreditava que a obra de arte "somente seria necessária em um mundo alienado" e que, com "uma organização geral da produção material de bens em moldes socialistas", "a obra de arte poderia eventualmente perder sua razão de ser". Mais tarde ele reverá suas concepções de cultura e arte.

71) Ocorre então uma "falsa reconciliação" entre "produção material e ideal de bens", que corresponde a uma "dissolução da obra de arte" por ser "transformada em mercadoria" e assimilada "à produção capitalista de bens" leva o nome de *indústria cultural* expressão utilizada para distinguir das polaridades cultura de massa/de elite e cultura popular/alta cultura.

71-2) Indústria cultural assim é definida: "cultura produzida para o consumo de massa, atendendo às necessidades de *valor de troca* (do seu produtor) e de *valor de uso* (do seu consumidor), sendo que, "transformada em mercadoria", a cultura "perde sua característica de cultura, para ser meramente um valor de troca". Atende assim à necessidade de "reproduzir *ad infinitum* o sistema", atendendo suas necessidades de acumulação.

72) Destinada à venda, é avaliada "segundo sua lucratividade ou aceitação de mercado e não pelo seu valor intrínseco".

72-3) Ocupando "o espaço do lazer" dos operários e assalariados a indústria cultural "cria a ilusão de que a felicidade não precisa ser adiada para o futuro, por já estar concretizada no presente".

73) E, além disso, "elimina a dimensão crítica ainda presente na cultura burguesa".

73) O "consumo é apresentado como o caminho para a realização pessoal".

73) A cultura dos MCM "mistura os planos da realidade material com as suas formas de representação e progressivamente anulam os mecanismos da reflexão e crítica para acionarem a percepção e os sentidos (visão e audição)".

73-4) A indústria cultura se caracteriza por:

- dimensão anti ou acultural (dissolução e mercadoria)
- vinculação com a moderna técnica
- consumo de massa
- caráter de mercadoria

A obra de arte, a "aura" e a perda da aura

74) Benjamin distingue valor de culto e de exposição de uma obra.

75) Analisa a "aura" caracterizada pela *unicidade* e *distância*, sendo "uma espécie de invólucro que envolve contendo elementos espaciais e

temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja".

75) A perda da "aura" decorre da *tecnificação* e da *reprodutibilidade* técnica, que leva à sua massificação do consumo.

75-6) Benjamin não concorda com o "desvirtuamento" e a "dissolução" da obra de arte e "a destruição do valor de negatividade inerente à arte e a despolitização do seu destinatário", sustentada por Horkheimer, Adorno e Marcuse. Ao contrário, Benjamin associa "desaturatização" à "politização", ressaltando a acessibilidade da obra e a transformação do "caráter" e da "natureza intrínseca da obra de arte, modificando ainda a própria percepção do consumidor".

76) Benjamin contrapõe:

- "estetização" da política (facismo) x "politização" da arte (comunismo)
- arte como "instrumento de politização" x "válvula de escape".

(A alienação leva que a humanidade viva "sua própria destruição como um prazer estético de primeira ordem")

77) Marcuse, Horkheimer, Adorno e Benjamin, entretanto concordam na constatação da dimensão *conservadora* ("representar e consolidar a ordem existente") e *emancipatória* ("criticá-la, denunciá-la") que se encontram "de mãos dadas".

78) Habermas critica Marcuse, Adorno e Horkheimer, por terem adotado uma posição:

- *tradicional*: vêem na obra só "promessa de felicidade";
- *limitada*: não admitem modernas formas de expressão;
- *idealista*: não admitem a "alteração interna da estrutura e função da arte e cultura que acompanha o desenvolvimento do capitalismo tardio".

Da teoria crítica à teoria estética

79) Adorno ressaltava a "autodestruição da razão" que "em vez de promover a emancipação, ela assume o controle técnico da natureza e dos homens", depois de viver o nazismo e o macartismo.

79-80) Adorno propõe "uma nova versão da teoria crítica", rompendo com o paradigma marxista da luta de classes, passou a identificar as massas de oprimidos não só os trabalhadores mas também com "todos os assalariados e pequenos produtores esmagados pela lógica totalitária dos sistemas produtivos do Leste e do Oeste".

80) Adorno identifica:

- desativação da história
- naturalização dos processos de produção
- congelamento das condições de exploração
- alienação
- dominação

80) Horkheimer e Adorno "vão deslocando a ênfase da classe operária para as camadas oprimidas em geral e dessas para a esfera superestrutural".

80) Com a arte sem aura, e "a filosofia e a ciência" reduzidas ao positivismo, resta uma teoria estética que consegue "perceber, sistematizar e conscientizar essa mensagem contida na música e em outras formas ar-

tísticas como a literatura, pintura, escultura, etc." que constituem como "poucas alternativas à sociedade moderna de assegurar sua auto-reflexão e crítica".

84) Mesmo admitindo que a música está "igualmente sujeita à transformação em mercadoria", Adorno ressalta que "ela tem o mesmo poder de representação, interpretação e crítica da realidade que qualquer texto científico" que, assim, necessita de uma teoria estética para "decifrar, interpretar e revelar" os "elementos críticos e contestadores nela contida", assumindo desse modo a condição de "herdeira da teoria crítica".

84) Habermas acredita que "Adorno levou à exaustão a filosofia da consciência subjetiva" que chega a "um beco sem saída" porque "a razão crítica, em sua fidelidade ao negativo, precisa negar sua própria competência para pensar o mundo".

85) Habermas não vê salvação na "razão subjetiva" que aproximam os "quatro velhos" no "malogro teórico" de:

- Weber: com sua tese do desencantamento e a racionalização do mundo
- Lukács: diagnose da alienação geral

85) Para Habermas a saída estaria numa *razão comunicativa*, intersubjetiva, permitindo que "em situações dialógicas livres de repressão", emergissem a "razão e a crítica", "deixando de ser centradas em um sujeito do conhecimento". [?]

[? o que são as razões comunicativas?]

A questão do Estado e a dominação tecnocrática

85) Antes da II Guerra Mundial, "a teoria crítica (...) se encontra bem mais próxima de uma argumentação marxista".

85-6) Três momentos distintos para abordar o tema do Estado:

1) "procura conceituar as mudanças estruturais que ocorrem na base econômica da sociedade capitalista desde Marx" (antes da emigração, com destaque para Pollock, Wittfogel, Baumann, Meyer, Mandelbaum);

2) "a questão do Estado e da dominação se confunde com a crítica à razão instrumental", procura "abandonar o campo meramente teórico, buscando seu vínculo com a prática política" (durante a emigração, influência da experiência vivida nos EUA);

3) "a questão do Estado é levantada como tema autônomo, buscando-se refletir os problemas do seu funcionamento e sua legitimação nas condições atuais do capitalismo tardio" (depois de 1950, com Habermas, Dehler, Offe).

O primeiro momento:

o intervencionismo estatal na economia

86-7) "Os membros do Instituto (Meyer, Mandelbaum e Pollock) rejeitam as interpretações da economia burguesa de sua época que atribuem um caráter meramente conjuntural ao fenômeno" da "crescente intervenção do Estado na economia das sociedades capitalista e socialista", processo associado à "manipulação das crises e do planejamento econômico".

Defendem que essa "presença reguladora do Estado" é imprescindível, pela complexidade crescente do sistema produtivo e pelo "imbricamento

das economias nacionais no mercado mundial".

88-9) "o Estado empresarial destrói a concepção do Estado liberal" e volta-se para a modernização do aparelho estatal, através da atuação "em dois planos":

1) *econômico*:

- * "intervenção nas leis da oferta e da procura"
- * "incentivando e dinamizando a economia através de investimentos infra-estruturais", "como estradas, sistema de comunicação, etc."
- * "manipulando as crises cíclicas da economia"
- * "controlando a importação e a exportação"
- * "protegendo os produtos nacionais"
- * "saneando empresas"
- * "limitando os riscos para os empresários individuais ou cartéis"

2) *político*:

- * "formulação de políticas sociais que desativam o conflito de classes"
- * interferência "no mercado da força de trabalho, a fim de combater o desemprego"
- * reforço das "políticas sociais de saúde, educação, salário-de-semprego"
- * controle da "mão-de-obra excedente (exército de reserva)"
- * "amortecendo o conflito entre as classes de proprietários dos meios de produção e as classes operárias, e procurando cooptar essa última em nome do 'progresso econômico' e o 'bem-estar social'" (na versão norte-americana, o *Welfare State*).

89) O principal instrumento do Estado moderno é o "planejamento econômico-social".

89) As "feições monopolísticas" do "Estado capitalista moderno" o aproximam da "forma estatal adotada pela União Soviética" (socialismo de Estado) e beneficiando minoria privada X nova classe (funcionário e líderes do partido) emergente.

89) Marcuse registra mudanças técnicas que favorecem intervencionismo.

90) Frankfurtianos destacam maior eficácia do capitalismo e deixam de lado as contradições Norte-Sul geradas pelo capitalismo.

[...]

O segundo momento:

razão instrumental e dominação tecnocrática

90-91) Weber, segundo Marcuse (1962), "pela primeira vez teria aplicado o conceito de racionalidade instrumental à análise do moderno Estado capitalista" e deu "o passo decisivo da razão teórica para a razão prática". "Weber consegue sem ruptura ou mediação fazer a passagem da razão grega clássica à razão instrumental" (que é "própria razão capitalista, isto é, a racionalidade do lucro e da expropriação da mais-valia"): "A razão abstrata transforma-se assim concretamente em dominação calculada e calculável - dominação exercida sobre os homens e sobre a natureza".

[...]

90) Weber postula "como racional toda a ação que se baseia no cálculo, na adequação de meios a fins, procurando obter com um mínimo de dispêndio um máximo de efeitos desejados, evitando-se ou minimizando-se todos os efeitos colaterais indesejados".

90-1) "A racionalidade instrumental encontra-se (...) institucionalizada na vida cotidiana, traduzindo-se, no plano econômico, na ação calculada dos agentes econômicos (empresários) e na atuação competente da administração estatal (burocratas)".

91-3) Weber tem o mérito de mostrar ^{as dimensões} que nos planos:

1) político:

* "a razão econômica não se confinou à área da produção e circulação de mercadorias" ("necessária para assegurar o lucro e evitar os riscos")

* assim transforma-se numa "camisa-de-força" que impede uma real liberdade e competição no mercado

* para Weber, esta tendência só pode ser vencida pelo "empresário que ousa correr riscos, desafia a suposta racionalidade da economia para maximizar seus lucros" ("ganância e o interesse de lucro enfrentam a transparência e a calculabilidade do sistema econômico transformado em armação de ferro")

2) político:

* a racionalidade instrumental permeou "também a esfera política, impondo-se aqui como a 'razão do Estado' (tecnoburocracia)" (instrumentos de controle, polícia e exército, para avaliar e assegurar o cumprimento das ordens e evitar a desobediência)

* para Weber, esta tendência só pode ser vencida pelo "líder carismático que negligencia a ordem racional institucionalizada na burocracia, impondo a seus seguidores a sua vontade" ("seus poderes sobrenaturais são ativados para enfrentar a crescente burocratização").

93) Em síntese, "Weber procura expulsar o diabo com Belzebu (...) permitindo um máximo de racionalidade na irracionalidade".

[Temos aqui o perfil do Partido moderno, baseado numa noção filosófica da Práxis.]

93) Outras críticas de Marcuse a Weber:

* escamotear "outras dimensões (da racionalidade material ou substancial)" que podem levar a outros valores além do lucro e da dominação

* funde "num único conceito a razão da *polis* e a racionalidade do lucro

[Não compreendido ???]

93-5) Outras conclusões de Marcuse:

* "a moderna ciência e técnica, além de serem forças produtivas (conforme denunciou Marx em *O Capital*) funcionam como 'ideologia' para legitimar o sistema"

* "a ciência unidimensionalizada é utilizada para dominar a natureza" e também "para dominar os homens", "originalmente concebida para emancipar", "está hoje a serviço do capital"

* promovendo o desejado progresso, "se tornam a base legitimadora do sistema capitalista, desativando o conflito de classes"

* "dessa forma, a ciência e a técnica se transformaram (...) em *ideologia tecnocrática*" apesar "de se pretenderem *neutras*"

* "talvez o próprio conceito de ciência e tecnologia sejam *ideologia*"

95) Habermas afirma categoricamente que "a ciência e a técnica efetiva-

mente se transformaram em ideologia" e ressalta que "não basta simplesmente mudar a teoria e a filosofia política para mudar o mundo" o que só seria possível com uma "transformação radical da ciência e da tecnologia que nele atuam" e "reformular essencialmente o seu conceito".

[o que seria ciência e técnica no século?]

95) Para Habermas o intervencionismo estatal e "a transformação da ciência e da técnica em forças produtivas e ideologia", "alteram as formas de legitimação do poder" e passam "a ser a base de legitimação indispensável do moderno Estado capitalista".

96) "Na medida em que a ciência e a técnica - manifestações concretas da razão instrumental - estiverem obtendo êxitos na economia, elas legitimam a usurpação do poder pelas elites" e disfarçam "mal-estar real gerado pelas condições de unidimensionalização e confundindo as consciências, incapazes de avaliar o processo".

96) Bem sucedido nos resultados, o Estado, "o grande articulador dessa 'trama', fica livre da obrigação de justificar-se, enquanto o crescimento econômico estiver garantido".

[Justificação para os sistemas de comunicação de massa serem controlados pela sociedade civil e não pelo Estado que pode consociar-se para assegurar sua legitimação, isto implica, também, numa organização pluralista.]

96) A ação do Estado - e do grupo político que o controla - é vista como a manifestação inquestionável de uma racionalidade técnica, operando a "substituição do político pelo tecnocrático", segundo Habermas, a "colonização" do mundo vivido pelo sistema econômico.

Terceiro momento:

do Estado liberal ao Estado pós-moderno

97) Síntese do terceiro momento na fórmula de Foucault: "o saber confere poder, e o poder dá acesso ao saber. Todo saber é, como o poder, essencialmente repressivo".

97) Habermas só se vinculou "aos teóricos de Frankfurt somente depois da volta desses à Alemanha do pós-guerra". Saiu em 1971 e voltou em 1983 a Frankfurt.

98) Examinando "as mudanças estruturais do Estado", mostrou "que o Estado liberal apresenta um relativo isolamento em relação aos problemas e assuntos econômicos e às instituições privadas e políticas que estruturavam o 'espaço público', isto é, a assim chamada sociedade civil. Com o advento do Estado capitalista esse espaço se reduz gradativamente, havendo uma intervenção crescente do Estado nos assuntos econômicos e políticos".

[Segundo essa interpretação, o Estado liberal pouco atuante constituía condições mais democráticas e maiores oportunidades para uma esfera pública?]

Será indiferente a distinção ente "espaço" e "esfera" pública expressa na tradução?]

98) Habermas concorda com Marcuse quanto a "institucionalização da razão instrumental também na organização do Estado burocrático" e reforça a crítica deste a Weber, abordando as "mudanças estruturais ocorridas na base do sistema capitalista":

- * "crescente intervenção na economia e no espaço público"
- * "uso da ciência e da técnica como força produtiva"
- * "formação de cartéis"
- * "administração das crises"

99) Habermas "defende a tese de que a ciência e a técnica transformaram-se, no auge do capitalismo ocidental, em verdadeiras formas de legitimação do Estado e da Economia (assumem pois a forma de 'ideologia'), substituindo as formas anteriores de legitimação baseadas no mecanismo de autoregulação do mercado segundo a lei de oferta e da procura".

[parecem estar sendo confundidos dois níveis distintos de análise: o da explicação sobre a lógica interna e a funcionalidade do sistema e a sua justificação ideológica]

99) Habermas, apoiando-se em Offe, Eder e outros, "desenvolve a sua nova teoria da crise ("perturbações duradouras da integração sistêmica", decorrentes de "problemas não resolvidos do controle sistêmico").

[É necessário examinar porque os "problemas" são sempre na dimensão "sistêmica" e não na "social": o social parece ser a "esfera" do bem, da naturalidade benigna, semelhante ao comunismo para o marxismo.]

99) Distinção feita por Habermas:

* *Integração sistêmica*: assegura a "organização da economia (reprodução material dos membros que compõem o sistema) e das instituições políticas (formas de dominação)". "Quando essa organização entra em crise, ameaça a preservação ou sobrevivência do sistema social, como um todo".

* *Integração social*: típica do "mundo vivido" ou "sistema sócio-cultural", "entrando em 'crise', ameaça dissolver o quadro institucional e o (sistema sócio-cultural) do sistema político e econômico".

100-1) Habermas "distingue quatro formas de crise":

* *crise econômica*: "incapacidade do sistema de produção de atender a todas as necessidades de sobrevivência dos membros da sociedade".

* *crise de racionalidade*: "se dá quando o Estado capitalista se vê forçado a ajustar racionalmente meios a fins em função de valores e problemas muitas vezes não conciliáveis, procurando otimizar os ganhos em todos os casos". Situação típica de tentativas de "conciliar os interesses da política interna com externa".

* *crise de legitimação*: "dificuldade que o Estado encontra para explicar e defender medidas que implementou para os seus eleitores e sua clientela em geral", geralmente decorrente do desenvolvimento de iniciativas contraditórias (incentiva automação e proíbe greves).

* *crise de motivação*: "anuncia problemas de integração social", "os indivíduos membros de uma sociedade já não se sentem mais motivados a seguir as instruções e ordens advindas do sistema econômico e político", provocando "busca de alternativas, de organização da vida cotidiana 'fora' dos sistemas até agora institucionalizados" (verdes, pacifistas, ecologistas) "havendo um 'desinvestimento' emocional dos atores em relação à política e economia", diante da "impraticabilidade e da irracionalidade do sistema vigente". "Pode ter suas raízes na incapacidade de o Estado e o sistema econômico substituírem com propostas plausíveis e racionalizadas as antigas concepções de mundo, decorrentes dos sistemas religiosos". "Provoca um risco de dissociação da *Lebenswelt* do mundo sistêmico (da política e da economia)".

101) Habermas e Offe estabelecem a seguinte distinção:

* *período de criação do Estado liberal*: "a base de sustentação era dada pelo princípio da livre concorrência", "o mercado legitimava o sistema econômico e dispensava o Estado de qualquer tomada de partido".

* *auge do capitalismo*: o intervencionismo estatal aumenta gradativamente":

- "regulando a economia"
- regulando, cada vez mais, "as formas de organização da vida cotidiana"
- "despolitizando a esfera pública"
- "cooptando mediante subvenções financeiras as organizações políticas da sociedade civil (partidos, sindicatos, associações de base, etc.)"

102) As políticas sociais, que caracterizam um perfil de Estado do Bem-Estar, a partir da I Guerra - assim como a intervenção sutil junto à sociedade civil e aos movimentos sociais - conforme Offe, têm a função de "controlar o fluxo e o refluxo da força de trabalho do mercado, a fim de atender plenamente às necessidades conjunturais e estruturais do capital privado" e "beneficiar acumulação ampliada, de interesse exclusivo do capital privado".

102) Essas funções levam o Estado a:

* "recorrer a recursos cada vez mais volumosos dos cofres públicos"

* ter que desenvolver "capacidade indiscutível de gerir os negócios de tal forma que o progresso e crescimento econômico tenham êxito permanente".

103) Habermas caracteriza as crises que se destacam na atuação do Estado moderno:

* *crise de racionalidade*:

- "enquanto Estado-nação, procura maximizar ou otimizar os lucros defendendo uma posição econômica favorável no mercado internacional"

- "digladiava-se com períodos de recessão, concorrência no mercado, oligopólios, falta de matéria-prima, elevação dos preços do petróleo, etc."

- "procura permanentemente atender às exigências do sistema produtivo, seja como consumidor, seja como produtor de mercadorias"

* *crise de legitimação*:

- "como Estado do Bem-Estar, ele alcança os limites de sua capacidade assistencialista e os problemas de legitimação quando não consegue mais atender às crescentes reivindicações emergentes"

- "suas políticas sociais não convencem mais a clientela da necessidade de se lançar no mercado de trabalho para ali ser consumida como força de trabalho pelo grande capital"

103-4) Offe aponta o socialismo como solução para a crise, Habermas tem outra solução:

* "reinscrever o Estado na dimensão de *Lebenswelt*": "o Estado voltaria a ser, como na Grécia antiga, um espaço da *Lebenswelt* com a integração social assegurada e não como um subsistema cooptado ao sistema econômico, regido pelo princípio da acumulação ampliada".

Em outras palavras: "inseri-lo [o Estado] novamente naquele quadro institucional em que a política deixa de ser uma simples técnica de

silenciamento, uma forma de manifestação da racionalidade instrumental, que despolitizara os assuntos de Estado, voltando a ser a polis, aquele locus da vida societária em que as grandes decisões são tomadas como um todo, à base do discurso teórico e prático".

[Locus / Polis / Polis]

A TEORIA CRÍTICA DEPOIS DE HORKHEIMER E ADORNO

Introdução

106) "Todas essas 'teorias' se alimentam até hoje na fonte que lhes deu origem".

A teoria crítica depois dos anos 70 na RFA

106) No decorrer dos anos 70, Habermas ~~partiu~~ ^{partiu} "para" uma crítica aberta aos trabalhos de Adorno e Horkheimer e Marcuse, com os quais, até então, parecia estar sintonizado".

A crítica de Habermas à teoria crítica de Frankfurt

106-7) Marcuse advertiu Habermas, em 1978, "de estar invertendo a relação mundo social e razão": "não é a organização racional dos procedimentos sociais que cria a razão, como pretendia Habermas, e sim ao contrário, a razão preexistente nos sujeitos que organiza racionalmente o mundo".

[Nessa crítica referida *en passant* está a base de uma das principais linhas de críticas à reflexão de Habermas.]

107) Em 1981, Habermas lança a *Teoria da Ação Comunicativa* e se volta contra a *Dialética do Esclarecimento* (1947) de Adorno e Horkheimer, desenvolve uma "teoria da modernidade", "proclama o fim da filosofia da consciência" e identifica nos dois raízes da "tendência pós-moderna", "cujo denominador comum é a crítica radical da modernidade e que leva em seu bojo traços evidentemente irracionais" (Bataille, Foucault e Derrida).

107) Habermas identifica três debilidades nos dois "velhos": razão, verdade e democracia.

Primeiro déficit: a razão

108) Adorno e Horkheimer se ativeram "a um conceito histórico-filosófico de razão, de inspiração marxista":

[*uma, única, filosofia*]

- * acreditavam, num "projeto iluminista da modernidade"
- * "em uma razão histórica que necessariamente se manifestaria através do processo material de produção e reprodução da sociedade burguesa"
- * "em uma razão capaz de objetivar-se na história, emancipando a humanidade"
- * Marcuse chegou a identificar em "grupos alternativos", "os herdeiros da classe operária" e os dois velhos pareciam aguardar "a emergência de outros grupos sociais que pudessem liberar o potencial de racionalidade contido na história".

[Responder com cuidado: a história pode conter alguma coisa? Examinar "conceito histórico-filosófico."]

108-9) Habermas identificou três fatores que comprometeram o "projeto iluminista da modernidade":

* "direção e o ritmo" burocrático "dos movimentos operários da primeira metade do século XX", tendência já denunciada por Rosa para a URSS

* "a capacidade do sistema capitalista moderno de gerir as crises econômicas e políticas", inclusive com "mudanças estruturais" na "organização da cúpula do poder (Estado fascista)"

* "a eficácia das modernas democracias de massa do capitalismo em estabelecer uma simbiose entre forças produtivas e relações de produção, cooptando a consciência das massas, e produzindo assim mecanismos de integração jamais suspeitados".

109) Para Habermas, a desconfiança da "capacidade emancipatória da razão histórico-filosófica", "conceito ultrapassado", levou Adorno e Horkheimer ao "beco sem saída" da "denúncia da razão iluminista, transformada em mito".

109-10) Habermas vincula o equívoco a Marx:

* "que acreditava poder encontrar na *categoria do trabalho* o substrato material e universal da constituição da razão"

* "atribui, equivocadamente, um potencial de racionalidade ao conceito de 'práxis do trabalho' que transcende o conceito de racionalidade instrumental"

* "a racionalidade emancipatória está para Marx associada à categoria do trabalho, sem necessidade de outra forma de mediação", apesar de em *O Capital* revelar "o caráter alienador do trabalho"

[Luz + Luk?]

110) Para Habermas, o caráter emancipatório da razão não se ^{reduz} "automaticamente com a superação das relações de trabalho alienadas e alienante do capitalismo", mas exige "uma nova mediação": encontrada na "categoria da intersubjetividade".

[comp?]

Segundo déficit: a verdade

110) A "teoria comunicativa da verdade" satisfaz aos "requisitos da ciência" e remete ao "conceito integral de razão hegeliana" ("que abrange a dimensão científica, como a prática e a estética expressiva") e assim supera a incapacidade de Adorno e Horkheimer formular um "conceito de verdade".

[A descrição dos fundamentos da *Dialética Negativa*, p.49, parece apontar para um entendimento de verdade "menos amarrado" que o de Habermas mas mais recorrente e mais apropriado a uma filosofia da práxis.]

Terceiro déficit: a democracia

111) A "democracia de massas" era vista como "uma permanente ameaça à sobrevivência da razão": "hostis ao trabalho do conceito" as massas se tornam vulneráveis "ao fascismo e às lideranças carismáticas", com "os indivíduos perdendo sua competência crítica e reflexiva".

111) Habermas propõe retomar o paradigma indicado por G.H.Mead, Durkheim e Wittgensteins, de razão comunicativa e verdade processual, abandonando "definitivamente o paradigma da filosofia da consciência", originados em Kant, Hegel, Marx, Lukács e Weber.

[Luz + Luk, sem de luz + Luk?]

112) Habermas propõe um "conceito radical de democracia que permeie todas as formas de interação, desde o nível do cotidiano (situação dialógica livre de repressão) até o do discurso teórico e prático, que permite o questionamento incondicional de todas as verdades aceitas e de todas as normas vigentes".

[O conceito de política do Adorno permite questionar a validade da constatação de "situações dialógicas livres de repressão" que é a negação da política (a interrupção do fluxo permanente da política) e do caráter violento do homem.]

112) Duas "peças-chave" da teoria de Habermas:

- * "concepção dialógica (comunicativa) da razão"
- * "caráter processual da verdade"

112-3) Exame da razão e verdade:

* "deixam de ser conteúdos, valores absolutos universais, para serem definidos *formalmente* como procedimentos, isto é, regras de jogo, fixadas consensualmente" e se transformam em "valores temporariamente válidos, de acordo com o veredito dos atores envolvidos na situação, os quais estabelecem consensualmente o processo pelo qual a verdade e a razão podem ser conquistadas em um contexto dado"

* "segundo a idéia piagetiana da descentralização, Habermas afirma que a razão e a verdade resultam da interação do indivíduo com o mundo dos objetos, das pessoas e da vida interior"

* "a razão e a verdade só podem decorrer da organização social dos atores interagindo em situações dialógicas"

[A consensualização dos critérios de verdade pode ser democrática, mas não necessariamente válida. Um consenso entre irracionalistas leva onde? É uma solução política e não filosófica. Não resolve o problema da verdade.]

112-3) Caracterização da razão comunicativa:

* ao contrário do que "queria Kant", "a razão não tem, pois, sua sede no sujeito epistêmico"

* ao contrário do que queria Marcuse, "nem no ser antropológico, ao mesmo tempo pulsional e razoável"

* a sede da razão é na "organização intersubjetiva da fala"

* "o que é razoável, para os indivíduos e a sociedade, brota, pois, de um consenso, resultante da comunicação dialógica"

* "o conceito de razão só faz sentido enquanto razão dialógica"

* "a razão resulta daquilo que em um contexto social, vivido e compartilhado por atores linguisticamente competentes, pode ser elaborado como querido e aceito por todos"

* a razão comunicativa se concretiza numa institucionalização, ainda que parcial, da "linguagem cotidiana", e realiza um potencial de racionalidade inerente à razão comunicativa"

* essa razão comunicativa também está concretizada, até certo ponto em "nichos" de racionalidade da sociedade contemporânea:

- "nos procedimentos políticos das democracias parlamentares ocidentais"

- "nas diferentes esferas de valor (arte, ciência, direito e moral"

* não é uma utopia, já é realidade, "apesar de ainda esparsamente institucionalizada, já fazem parte do nosso cotidiano, nos mais diferentes níveis" e cabe "às ciências sociais revelá-las e fortalecê-las"

* "seu meio, por excelência, é a linguagem"

([diferentes esferas de valor?])

A recepção crítica e a renovação da teoria crítica pela nova geração de teóricos alemães

115) O carro-chefe prossegue sendo Habermas, com os mesmos temas: "defesa da razão, reflexão sobre a cultura, o debate sobre a legitimação

do Estado capitalista".

A razão e a crítica da ciência

115) As proposições de Adorno e Horkheimer, na década de 40, hoje é senso comum: a razão, logo de ser instrumento emancipatório, é "des-razão".

116) Prosseguindo uma linha de abordagem de Weber e Nietzsche, Foucault ressalta que "poder e saber constituem as faces de uma mesma moeda" e que "o conhecimento, em vez de ser a expressão desinteressada da verdade, é sempre a manifestação de uma vontade de dominar": "o poder cria o saber" que "cada vez mais sofisticado, consolida e legitima o poder".

[Com o aporte teórico do Adorno, podemos aprofundar essa análise da relação entre poder, visto aqui, aparentemente, como expressão de uma "perversão", uma "malignidade": essas relações de poder, mais constatadas do que superadas, é que podem dar transparência e sentido concretamente democrático à política.]

117-8) A modernidade é rejeitada como concretização da razão cínica (Sloterdijk) que Habermas chama de "instrumental" que é confundida com a razão iluminista. Os novos teóricos levam a dialética negativa às últimas consequências, com uma visão apocalíptica.

A cultura

119) Cada vez mais difícil distinção temática de razão e cultura.

121) "a questão da 'pós-modernidade' transcende hoje esse campo [da produção artística e da teoria estética], contaminando crescentemente a reflexão filosófica, literária, sociológica e até mesmo econômica".

122-3) Duas visões distintas sobre a arte (Wellmer):

* "perda gradativa de função" e deixa de ser "reduto último da razão dialética"

* tem "capacidade de mediatizar uma visão cada vez mais diferenciada do real, capaz de transcender nossa compreensão meramente racional do mundo", "não pode ser vista como um substituto da razão, mas apresenta a possibilidade de ampliarmos o horizonte de nossa subjetividade, de nossa experiência e dos nossos potenciais de comunicação", pode operar como "alargamento dos horizontes" e, pode funcionar como "ampliadora da competência racional dos indivíduos" (p.125).

Albrecht Wellmer: "Sua concepção de uma arte descentrada do sujeito rompe igualmente com a concepção burguesa de subjetividade, já que a identidade do indivíduo poderia, mediante a arte, ser diluída comunicativamente, na acepção de Habermas. Tal forma de arte de certo modo poderia ser pensada a partir de Adorno, já que está implícita em sua obra, mas em sua maioria transcenderia essa obra".

123-4) Habermas "propõe uma tipologia que abrange três formas distintas de conservadorismo:

* *conservadores tradicionais*: "se opõem ao projeto de modernidade em todas as suas dimensões, defendendo um *status quo* pré-capitalista".

* *jovens conservadores* ou "*pós-modernos*" de esquerda: "desiludidos com a razão instrumental", "negam a validade do projeto de modernidade" identificando-o com as perversões do capitalismo e adotando posição "quase niilista, festejando a não-razão, a intuição e o lado dionisíaco da vida (...) ou o apocalipse final".

* *novos conservadores* ou "*pós-modernos*" de direita: "acreditam no

progresso da ciência e tecnologia positiva" mas criticam o rompimento das "convencões e os bons costumes) e ressaltam os riscos de abalo da "estabilidade do sistema sócio-econômico".

124-5) Contraposição atual Habermas x conservadores:

CONSERVADORES

"negam a competência da razão para resolver e superar os problemas e as patologias da modernidade, deixam intactas as estruturas de produção e dominação que mantêm em vigor o sistema"

HABERMAS (WELLMER)

"buscam (...) reconquistar a fé na razão liberadora", "em nome da razão emancipatória e do projeto iluminista do século XIX, continua lutando contra o obscurantismo, por um lado, e o pessimismo extremado do outro"

O Estado

126-7) Características do Estado moderno identificadas por Offe:

* "assume as funções da preservação das relações de produção, em defesa dos interesses do capital global, e não somente no interesse de certas frações de classe que controlem o aparelho de Estado", nacionais ou internacionais, o que o orienta no sentido da preservação, também, "da ordem econômica mundial".

* é um "macroorganismo" "onipresente (manifestando-se em todas as instituições e esferas da sociedade, e onisciente", informado de todos os movimentos e conflitos.

* tem cuidados permanentes com suas "bases de legitimação", refazendo-as, evitando conflitos, debelando e desenvolvendo paliativos para as crises, tudo para "silenciar os conflitos e aplacar dos descontentes"

* assegura "o fluxo e o refluxo da força de trabalho para o mercado", ajusta a "oferta de mão-de-obra"

* desenvolve "políticas sociais" (saúde, habitação, educação, seguro-desemprego, etc.), inclusive para reciclar a força de trabalho para a produção

* necessita de recursos suficiente para enfrentar contradições com políticas sociais e, para isso, "precisa assegurar o funcionamento pleno do processo de acumulação ampliada", e "já que ele não possui mecanismos de produção e acumulação próprios" e não poder arcar com os recursos necessários para suas políticas, fortalece "o capital global (privado), busca a "produção de uma fração substancial do excedente, capaz de financiar suas políticas e seu aparelho burocrático" gerindo "o process econômico nacional" e sua integração "no mercado internacional": em síntese "passa a ter um interesse imediato na preservação das relações de produção".

[analisar a relação entre 'Lebenswelt' e o sistema?]

129) Habermas se distancia de Offe nas propostas políticas, mas nele inspirou-se para a "formulação da tese do 'desengate' entre o mundo sistêmico e a *Lebenswelt*".

A teoria crítica fora das fronteiras da Alemanha (depois de 70)

A recepção da teoria crítica

no mundo anglo-saxônico

131) A expressão "teoria crítica" surgiu como um rótulo após o movimento estudantil de 1967/68. Habermas confessa, em 1985: "Para mim não existia uma teoria crítica, uma doutrina de alguma forma coerente. Adorno escrevia ensaios críticos e realizava, além disso, seminários sobre Hegel. Ele concretizava um certo plano (sic) de fundo - era isso. Somente no final dos anos 60 é que jovens inteligentes se conscientizaram do fato de que a teoria da sociedade viria um dia a ter um caráter sistemático".

132) Na década de 70, o cenário da "discussão sociológica americana encontrava-se, então, dominado":

- * pelo empirismo (Forrester - MIT, Escola de Chicago)
- * pelo estrutural-funcionalismo (Merton, Parsons)
- * pelo positivismo lógico (Nagel, Nadel, Hempel)
- * por correntes quantitativas (análise fatorial, simulação computadorizada e pesquisa de opinião)

132-3) Em reação ao positivismo, "aparecendo novas linhas de pesquisa", "todas elas de orientação mais qualitativa que quantitativa, todas buscando de certa forma refletir a dimensão simbólica-semiótica do mundo social":

- * hermenêutica
- * linguística gerativa
- * filosofia da linguagem
- * etnometodologia
- * dramaturgia social
- * pesquisa de pequenos grupos
- * análise institucional

133) Os críticos anglo-saxônicos "acusam Habermas, Adorno e outros de um excesso de teoria, reclamando da falta de correspondência entre o conceitual teórico, muito abstrato, e a realidade empírica".

134) A teoria crítica tem dialogado e assimilado a "produção teórica, metodológica e científica americana" (Mead, Goffmann, Cicourel, Chomsky, Parsons).

134-5) Nos EUA, os teóricos de Frankfurt, permaneceu discutindo e produzindo em alemão.

138) As linhas de diálogo entre os teóricos anglo-saxônicos e os alemães podem ser avaliada na questão da "pós-modernidade" que se tornou mundial:

- * nasce "nos Estados Unidos, num contexto exclusivamente estético - superação ou rejeição do mernismo artístico"
- * "para os novos 'frankfurtianos' é visto como reação legítima às deformações da modernidade, inserindo-se nisso a tradição antiiluminista instaurada por Adorno"
- * "mas ao mesmo tempo como uma simplificação teoricamente inaceitável e politicamente perigosa, porque se aproxima de posições irracionistas típicas das correntes conservadoras, e rejeita, juntamente com as patologias da modernidade, as categorias intelectuais da modernidade, que permitiriam superar essas patologias"
- * para Habermas, "somente uma modernidade radicalizada e um Iluminismo repensado em seus fundamentos podem resolver os dilemas do nosso

tempo, sem trair o legado progressista da Ilustração"

138-9) Ultimamente, verifica-se uma convergência de três campos culturais que podem ser identificados como "hegemônicos no horizonte intelectual contemporâneo":

- * anglo-saxônico, filosofia analítica (destaque para a "estética pós-moderna")
- * filosofia alemã (hegeliano-marxista)
- * pensamento pós-estruturalista francês (Foucault, Derrida, Castoriadis)

Freitag faz analogia com três fontes do marxismo: filosofia alemã, socialismo francês e economia política inglesa (p.155). É especialmente importante a esforço para "vencer o abismo secular entre o pragmatismo e o utilitarismo inglês e americano e a filosofia idealista e dialética da Alemanha" (p.153).

A recepção da teoria crítica no Brasil

139) Carlos Nelson Coutinho identifica "duas etapas de assimilação" da teoria crítica no Brasil:

- * final da década de 60, fase "romântico-anticapitalista", através de "apropriação irracionalista" e com "coloração contracultural", como resposta à esterilidade teórica do FCB e da cultura marxista, que geravam uma "impaciência revolucionária" e busca de "elementos para uma contestação radical" (misturava-se Marcuse, Mao, Debray e Althusser).

- * final da década de 70, através de Rouanet, com "conotação radicalmente racionalista, buscando recuperar na teoria crítica seu elemento iluminista original".

141) Coutinho apresenta os seguintes pontos de concordância e discordância com Rouanet, observando uma "convergência de princípio entre uma postura lukacsiana em face da cultura e de um frankfurtianismo 'apolíneo'":

- * a crítica ao "nacionalismo cultural" como "crítica xenófoba à cultura universal, uma manifestação não só irracionalista, mas objetivamente reacionária"

- * combate ao "pós-moderno" e à "necessária distinção entre a alta cultura e a popular de massas", sendo que só a "alta cultura" pode permitir ao indivíduo "elevar-se à autoconsciência de sua participação no gênero"

- * corresponde a uma política cultural "efetivamente democrática" a defesa da "língua culta" e a denúncia do "antiintelectualismo" no "movimento operário brasileiro".

[*elevar, vale a dizer, a língua de um nível mais elevado de cultura no Brasil*]

- * discorda da valorização "inquestionada" da "cultura de elite, vista quase que indiscriminadamente como superior, elevada, racional, enquanto a cultura popular seria predominantemente encarada como irracional"

144) Destaque para um trabalho de Rouanet (*Razão Cautiva*) que examina a análise frankfurtiana do psíquico e do social: "embora interdependentes, são irreduzíveis um ao outro, não sendo possível nem psicologizar o social (psicanálise culturalista), nem sociologizar o psíquico (Reich

em sua fase marxista)".

144) No mesmo trabalho: "como o mundo exterior 'programa' o aparelho psíquico para que tenha as idéias e representações socialmente adequadas e explorando os caminhos da autonomia cognitiva".

146-7) Perspectivas de evolução da teoria crítica, com renascimento e fortalecimento do seu papel:

- * "apropriação irracionalista (contracultural) da teoria crítica", "tendências atuais das subculturas jovens, que identificam razão com autoritarismo"

- * entendimento do "irracionalismo" como "equivalente ao fascismo", recorrendo-se ao "modelo de uma razão mais críca" da Escola de Frankfurt

- * debate racionalismo/irracionalismo se orientando pelo debate do "moderno e do pós-moderno", sendo conhecidas no Brasil mais "os aspectos estéticos do que sua dimensão filosófica"

CONCLUSÕES

149-50) Evolução da Escola de Frankfurt, "como bons hegelianos" que "acompanharam ao nível conceitual o movimento dialético da própria realidade":

- * do marxismo relativamente ortodoxo..
- * para a "radicalidade desesperada da dialética negativa, numa fase em que a razão não parecia encontrar nenhuma ancoragem objetiva"...
- * para a "teoria da ação comunicativa, numa fase em que o imperialismo sistêmico se "tornou visível a olho nu"

150) Outras características da teoria crítica que enfrentou toda "forma de pensamento" que "corta a dinâmica do processo de conhecimento, formalizando, quantificando, universalizando processos que para ela são mais históricos que estruturais, mais singulares que gerais, mais dialéticos que lógicos":

- * procurou ser alternativa:
 - ao positivismo
 - à teoria funcionalista de Durkheim
 - à teoria sistêmica de Parsons e Luhmann
- * nunca revelou simpatias por:
 - estruturalismo antropológico (Lévi-Strauss)
 - estruturalismo marxista (Althusser)
- * distanciou-se do marxismo ortodoxo, relativizando a "importância da base econômica":
 - Adorno, privilegiando "os fenômenos da superestrutura"
 - Marcuse, colocando "em primeiro plano a dimensão psicológica e pulsional"
 - Habermas, abandonando "a categoria do trabalho como lugar social da emancipação"

- * "têm em comum um compromisso inquebrantável com a emancipação, apesar da solidez do mundo unidimensional" e, "apesar do pessimismo final de Adorno, que exprime a não capitulação da inteligência, mas o re-

conhecimento da dificuldade para a razão de pensar e pensar-se a si mesmo nas condições de alienação absoluta do real fetichizado".

151-2) Habermas "propõe uma reflexão radical coletiva, democrática, e uma renegociação política na qual todos deveriam participar" e que aponta para:

* "A política esvaziada pelos tecnocratas e rotinizada pelos aparelhos, voltaria às ruas, transformando-se em coisa de todos.

* "A racionalidade instrumental voltaria às fábricas e aos escritórios da administração burocrática, funcionando sob o controle da maioria com bases num consenso comunicativamente estabelecido e a qualquer momento renegociável".

* "A crítica emutida nos procedimentos sociais de busca da verdade e da fixação de normas, seria institucionalizada como instância de problematização permanente".

* "seriam ativados os potenciais de racionalidade comunicativa na linguagem e na interação, para que cada indivíduo pudesse participar, cognitiva e praticamente, desse grande processo de recuperação e descolonização do mundo vivido".

152) A "mais recente batalha de Habermas é contra os críticos da modernidade, de direita e de esquerda":

POSICÃO DA DIREITA

"recusam a modernidade porque a consideram subversiva e dissolvente e propõe a volta a um passado idealizado", atribuem à modernidade os fenômenos de "anomia" e "nihilismo"

RESPOSTA A DIREITA

esses fenômenos "foram na verdade produzidos por crises sócio-econômicas localizadas na esfera da produção e que, em vez de proporem normas mais severas, deveriam propor transformações profundas no sistema econômico e social"

POSICÃO DA ESQUERDA

recusam a modernidade "porque a vêem como repressiva e refugiam-se num mundo contracultural, além dos horrores da guerra nuclear e da degradação ecológica"

RESPOSTA A ESQUERDA

"só a modernidade pode criar as condições para uma vida plenamente livre:

- na esfera econômica, "pela eliminação da escassez"
- na esfera política, "pela criação das estruturas gerais de um Estado democrático"
- na esfera cultural

152) O projeto da modernidade "foi bloqueado pela concretização de um modelo unilateral de racionalidade, comportando unicamente uma dimensão cognitivo-instrumental". "a vitória dessa racionalidade atrofiada é responsável pela autonomização da esfera sistêmica sobre a esfera do mundo vivido".

153) Para realizar o "projeto original da modernidade, é preciso recuperar a razão em seu sentido integral":

* "como ela surgiu no início da modernidade"

* "como ela sobrevive nas estruturas da comunicação normal" que supõe um "entendimento último em torno das três dimensões":

- "verdade das proposições"
- "justiça das normas"

- "veracidade dos atores"

153) "A modernidade não está às nossas costas, está à nossa frente: é preciso realizá-la e não rejeitá-la, e sua realização implica a descolonização do mundo vivido, libertando-o do sistema".

[notebook?]

153-4) Esboço de um programa para a teoria crítica no Brasil:

* *RAZÃO E CIÊNCIA:*

- "dissolver os equívocos que cercam o conceito de razão, mostrando que ela é o único instrumento de libertação"

- "denunciar o uso da ciência e da técnica como ideologia, transformadas (especialmente nos últimos vinte anos) em agentes do Estado tecnocrático-burocrático"

* *CULTURA:*

- "criticar a indústria cultural enquanto instrumento de unidimensionalização e de submissão da consciência à lógica da mercadoria"

* *ESTADO:*

- ajudar a entender o que o Estado brasileiro "tem de geral", "exposto a crises de racionalidade e legitimação" (Habermas e Offe)

- eo que tem de "específico, considerando nossa condição de país capitalista periférico"

C. BALANÇO FINAL DA TEORIA CRÍTICA

- O que tem de mais profundo e duradouro é a dialética negativa que consegue realizar o sentido "dialético" que o marxismo, em muitas das suas vertentes esterilizou, e a radicalidade da crítica.

- Destaca-se também a defesa da razão e do seu sentido emancipatório que o marxismo, através das diversas experiências de "socialismo real" recusou concretamente.

- Quanto à teoria da ação comunicativa de Habermas é uma importante expressão de artificialidade para regular momentos e instituições da política. Mas é prescritiva. Não diz respeito ao fenômeno humano, é um arbitramento. Não chega a ser, como ele próprio critica uma "razão subjetiva, autônoma, capaz de conhecer o mundo e de dirigir o destino dos homens e da humanidade". E não chega a ser isso porque o "fim" proposto é um "fim em si mesmo", na verdade é um meio que permite chegar a qualquer lugar. A fé reside na "razão" resultante desse processo "humanizado".

- Habermas, assim, não aprofunda uma revisão da concepção de natureza humana. Ele tangencia isso, parece tomar como algo dado e aponta para a teoria política decorrente, mas não aponta solução. Soluciona os impasses filosóficos e políticos com soluções políticas e fugindo da filosofia.]